


ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: O ENSINO ANTIRRACISTA DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA

L'ALPHABÉTISATION CARTOGRAPHIQUE : L'ENSEIGNEMENT ANTIRACISTE DE LA GÉOGRAPHIE DE L'AFRIQUE

 Rosenberg Ferracini ^A Matheus Henrique Pereira da Silva ^B^A Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG, Brasil^B Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, TO, Brasil

Recebido em: 28/06/2021 | 08/12/2021 DOI: 10.12957/tamoios.2022.60588

Correspondência para: Rosenberg Ferracini (rosemberggeo@yahoo.com.br)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar atividades educativas antirracistas que abordam possibilidades de ensino e aprendizagem no processo de alfabetização cartográfica do continente africano decolonial (SANTOS, 2009). Para o desenvolvimento da pesquisa, foram elaboradas propostas metodológicas de ensino para o 6º e 7º ano do Ensino Fundamental do Instituto Líber – Porangatu (GO), baseadas na linguagem cartográfica de Anjos (2015). As práticas pedagógicas decoloniais foram viabilizadas através do concurso de desenhos virtuais, no qual foram produzidos mapas dos reinos e impérios africanos, por meio das plataformas digitais, no período de pandemia da Covid-19. A meta do concurso era a utilização dos desenhos dos mapas como um recurso de fortalecimento da compreensão dos conteúdos relacionados à população e ao território do continente africano. Como resultado, aduziu-se que houve um comprometimento maior dos alunos no processo de análise das informações; possibilitando também ao professor-pesquisador realizar um estudo crítico-analítico da aplicação da Lei 10.639/03, na Geografia escolar, relacionando teoria e prática.

Palavras-chave: Alfabetização Cartográfica; Ensino de Geografia da África; Prática Antirracista.

Résumé

Cet article vise à présenter des activités éducatives antiracistes qui abordent les possibilités d'enseignement et d'apprentissage dans le processus d'alphabétisation cartographique du continent africain décolonial (SANTOS, 2009). Pour le développement de la recherche, des propositions méthodologiques d'enseignement ont été élaborées pour les 6e et 7e années de l'école élémentaire de l'Institut Líber - Porangatu (GO), sur la base du langage cartographique d'Anjos (2015). Les pratiques pédagogiques décoloniales ont été rendues possibles par le concours de dessin virtuel, dans lequel des cartes des royaumes et empires africains ont été produites, par le biais de plateformes numériques, pendant la période de la pandémie de Covid-19. L'objectif du concours était d'utiliser les dessins de la carte comme une ressource pour renforcer la compréhension des contenus liés à la population et au territoire du continent africain. On en a déduit un plus grand engagement des élèves dans le processus d'analyse de l'information, ce qui a permis à l'enseignant-chercheur de réaliser une étude analytique critique de l'application de la loi 10.639/03, dans la géographie scolaire, en mettant en relation la théorie et la pratique.

Mots-clés: Alphabétisation cartographique, Enseignement de la géographie africaine, Pratique antiraciste.





INTRODUÇÃO

Este texto apresenta propostas de atividades educativas, antirracistas, que abordam algumas possibilidades de ensino e aprendizagem no processo de alfabetização cartográfica do continente africano. O interesse em aprofundar o tema surgiu no segundo semestre de 2020, durante as aulas da disciplina Ensino de Geografia Regional da África e Educação para Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional.

As aulas na universidade foram mediadas por um trabalho de cartografia voltado para o continente africano, devido a ausência de materiais cartográficos nas escolas porangatuense, em especial quando se trabalha com os conteúdos referentes ao continente africano. Nesse sentido, a alfabetização cartográfica é fundamental no processo de ensino-aprendizagem do Ensino Fundamental, na Geografia escolar, por auxiliar no entendimento dos espaços geográficos.

No que se trata do continente africano, urge “desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos” (BRASIL, 2004, p. 15). Para tanto, o uso da linguagem cartográfica favorece o processo decolonial, como relevância de inserção nas atividades em sala de aula, partindo de metodologias constituídas de bases que correspondam à realidade do aluno.

Para o desenvolvimento das atividades, foram escolhidas as disciplinas de Geografia e História das turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental do Instituto Líber, com início em agosto de 2020 e finalização em dezembro de 2020. Como afirma Castrogiovanni (2008, p. 41-42), numa perspectiva cartográfica, o “fundamental no ensino da Geografia é que o aluno/cidadão aprenda a realizar uma leitura crítica da representação cartográfica, isto é, decodificá-la, transpondo suas informações para o uso cotidiano”. Logo, nesta pesquisa, para as abordagens que se vinculam à alfabetização cartográfica da África, torna-se indispensável a interação do aluno.

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO DE ÁFRICA

A alfabetização cartográfica está presente nas aulas de Geografia desde a Educação Infantil. Neste âmbito, são diversos os exercícios de aprendizagem espacial envolvendo a



África, considerando as muitas possibilidades de trabalhos com as linguagens cartográficas. Nesse ponto, pode-se dizer que o mapa é uma ferramenta que contribui para o entendimento do espaço e território africano. Para Anjos (2017, p. 2):

Os mapas, por sua vez, são representações gráficas do mundo real, se firmam como ferramentas eficazes de interpretação e leitura do território, possibilitando revelar a territorialidade das construções sociais e feições naturais do espaço, e justamente por isso, mostram os fatos geográficos e os seus conflitos.

Tangente ao exposto, percebe-se que alguns métodos podem ser aplicados, como o estudo analítico dos mapas, já que o continente africano apresenta uma grande extensão territorial. Dessa forma, as informações contidas nesses mapas – elementos primordiais na cartografia – podem ser decodificadas. Segundo Katuta e Souza (2001, p. 50), “[...] devemos dar a devida atenção aos conhecimentos geocartográficos, instrumentos para a compreensão das diferentes territorialidades”. Dessa forma, é urgente que os professores utilizem esse recurso para material didático, de modo a contribuir no entendimento do território africano.

A exemplo de trabalhos nessa perspectiva, num estudo cartográfico realizado no museu AfroBrasil, Ferracini (2015) desenvolveu um trabalho, em seu acervo, no qual é possível conhecer a respeito de impérios e reinos africanos. Nessa atividade pedagógica, professor e aluno aprenderam a respeito dos “reinos de Axum, Núbios, Cuxe, Meroé, Zimbabwe, entre outras organizações políticas africanas” (FERRACINI, 2015, p. 315). Nesse sentido, pensando na proposta de alfabetização cartográfica, deve o professor munir-se de referenciais teóricos que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem, com o propósito de criar mecanismos pelos quais sejam possíveis aquisições de informações, quando se trata dos conteúdos relacionados à África. Anjos (2015, p. 388) adverte que:

A manutenção da desinformação da população brasileira no que se refere ao continente africano continua sendo um entrave estrutural para uma real democracia racial no país. Não podemos perder de vista que, entre os principais obstáculos criado pelo sistema à inserção da população de matriz africana na sociedade brasileira, está sua inferiorização pela precariedade da educação geográfico-cartográfica afro-brasileira, que reclama outra perspectiva no processo escolar.



Dessa forma, é indispensável refletir como está sendo a aplicação da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar; e como está sendo a atuação dos professores, gestores e coordenadores. Cabe à escola desenvolver cursos de formação para a capacitação dos docentes, seguindo a orientação presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a qual atende a lei supracitada, que “institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio” (BRASIL, 2004, p. 8).

Conforme as contribuições de Oliveira e Santos (2013, p. 1), o objetivo da Lei 10.639/2003 é “interferir no processo de escolarização, compreendido como central na informação humana de nossos cidadãos, educando-os para igualdade racial”. Nesse ínterim, destacam-se também as contribuições da Lei 11.645/2008. Para Santos (2009, p. 11), por intermédio dessas leis, torna-se “obrigatória a inclusão das temáticas Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas”; sendo, portanto, necessária a aplicação dessas leis no ambiente escolar.

RECONSTRUINDO A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA DA ÁFRICA

Em se tratando da disciplina Ensino de Geografia da África e Educação para Relações Étnico-Raciais, surgiram várias propostas metodológicas que contribuíram e melhoraram o rendimento das aulas no Ensino Fundamental. Debates, seminários e discussões acerca dos referenciais teóricos, abordando temáticas do continente africano – como o processo de colonização à África na atualidade – aconteceram semanalmente. Para tal, seguiram-se leituras dos trabalhos de Cheikh Anta Diop (1974), Molefi Asante (1980), Frantz Fanon (1968, 1971), dentre outros.

O referido curso trabalhou com diferentes abordagens, algumas delas referenciavam a descolonização epistemológica fundamentada nos estudos africanos. Os debates passaram pelas concepções de ensino a respeito da África, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana, e pela análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nas rodas de conversas foram abordados temas, como: Lei 10.639/03; currículo praticado; e papel da escola na relação teoria e prática.

Como linha de pesquisa e raciocínio geográfico, buscou-se, ainda, o aprofundamento de leituras afrocentradas de Munanga (1988). Para tanto, a problemática teórica da disciplina baseou-se nos seguintes questionamentos: como os mapas da África estão sendo trabalhados nas aulas de Geografia? Os professores utilizam esse recurso na sala de aula? Como é a aquisição do conhecimento dos alunos ao trabalhar com os mapas dos reinos e impérios



africanos? Como é a apropriação da linguagem cartográfica pelos alunos no ensino de Geografia da África? Os mapas da África estão sendo mostrados nas aulas de Geografia ou somente são apresentadas noções superficiais, sem contextualização? Acerca desse contexto, Portugal e Chaigar (2012, p. 175) apontam que “o mapa já não aparece mais nem no tempo, nem no espaço do ensino de Geografia, na escola ele não está mais pendurado, fato justificado pelo avanço digital”. Portanto, na maioria das vezes, os mapas da África não são utilizados nas aulas de Geografia, tornando-se ausente o uso desse recurso.

Com base na disciplina da UFT, e para articular teoria e prática, foi criado um “curso de desenhos virtuais” como proposta de finalização do conteúdo explicado durante o semestre, para despertar o interesse dos discentes, favorecendo-os no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, na condição de professor e aluno, realizei a reflexão da presença e da ausência dos conteúdos relativos ao continente africano e do tema étnico-racial nos campos escolar e acadêmico, debatendo a bibliografia: Brasil (2004), Burkinabê Ki-Zerbo (1982) e o congolês M’Bokolo (2011).

Nesse sentido, a atividade desenvolvida foi estruturada tomando-se por base o método de David Ausubel (2003), que aborda sobre a teoria da aprendizagem significativa, cuja proposta se concentra em como se dá a aprendizagem do aluno:

A aprendizagem significativa é tão importante no processo de educação por ser o mecanismo humano por excelência para a aquisição e o armazenamento da vasta quantidade de ideias e de informações representadas por qualquer área de conhecimentos (AUSUBEL, 2003, p. 83).

Nos parâmetros da alfabetização cartográfica da África, pode-se dizer que a forma com que a linguagem cartográfica está sendo trabalhada no Ensino Fundamental interfere na aprendizagem do aluno, uma vez que as participações nessas atividades contribuem no seu processo de ensino. Ausubel (2003, p. 71) salienta que:

A ‘aprendizagem significativa’, por definição, envolve a aquisição de novos significados. Estes são, por sua vez, os produtos finais da aprendizagem significativa. Ou seja, o surgimento de novos significados no aprendiz reflete a ação e a finalização anteriores do processo de aprendizagem significativa.



Nesse contexto, é importante criar um debate com o interesse de mostrar os aspectos que envolvem o espaço geográfico africano, isso impõe a constância na atualização de leituras e bom preparo do docente para conseguir operacionalizar, em sala de aula, a evolução do entendimento cartográfico.

Nesse intento, participaram da proposta os alunos do 6º e 7º ano do Instituto Líber de Porangatu (GO). Devido à pandemia da Covid-19, todas as atividades foram realizadas virtualmente. Para ministrar as aulas, o professor-pesquisador utilizou: livro didático digital, Plataforma Zoom, WhatsApp, Instagram e Facebook. Nas turmas foram trabalhados conceitos sobre os reinos e impérios africanos, sendo no 6º ano: Gana, Povos Berberes, Cartago, Reino Egípcio, Kush e Axum; no 7º ano: Império Songhai, Império do Mali, Iorubás, Reino do Benin, Reino do Congo e Reino do Zimbábue.

Para participar do concurso de desenhos virtuais, cada aluno foi sorteado com um reino ou império africano, atendendo critérios e normas que objetivavam representar cada localidade através de mapas. Conforme aponta Santos (2009, p. 17), “os mapas também são poderosos instrumentos de construção de visões de mundo e de posição de mundo”. Nesse sentido, os desenhos, com as respectivas informações principais de cada lugar, foram retirados do livro didático da Coleção Infinito, do sistema de ensino Curso Oswaldo Cruz (COC).

Os trabalhos foram avaliados pelo critério “criatividade”, tendo um tempo de três dias para suas produções; e enviados pelo WhatsApp, no grupo de cada turma. A princípio, foram selecionados quatro desenhos de cada série para a participação da final. Logo após, os desenhos foram postados no Instagram e Facebook, para que o público geral pudesse votar. Em relação à avaliação dos resultados obtidos no processo de ensino-aprendizagem, foram enviados dois questionários: um para os pais/responsáveis e o outro para os alunos. Esses instrumentos foram fundamentais na verificação do desempenho dos alunos.

A seguir são apresentadas algumas imagens dos desenhos dos mapas classificados para o concurso de desenhos virtuais, desenvolvidos nas aulas de Geografia, com as turmas do 6º e 7º ano. Destaca-se, também, a parceria entre professor-pesquisador e o professor da disciplina da UFT para desenvolver as atividades inovadoras sobre os reinos e impérios africanos.

1) Reinos e impérios africanos



Figura 1: Gana
Fonte: Silva (2020)

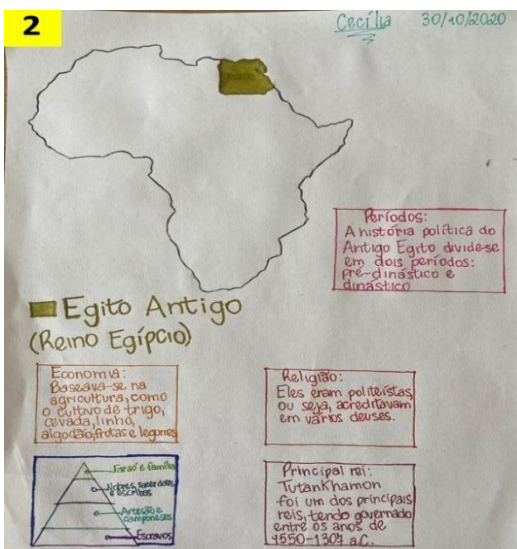


Figura 2: Reino Egípcio
Fonte: Silva (2020)

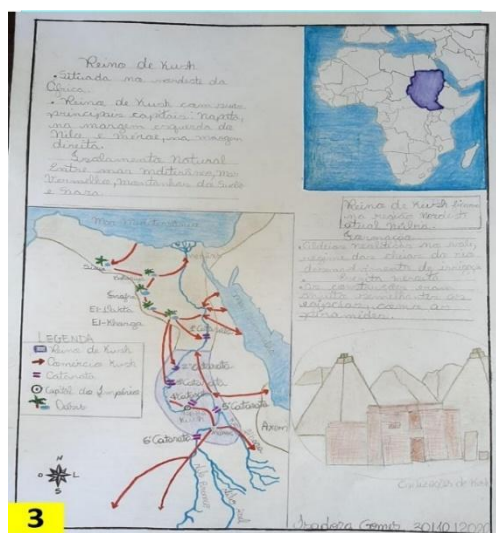


Figura 3: Reino de Kush
Fonte: Silva (2020)

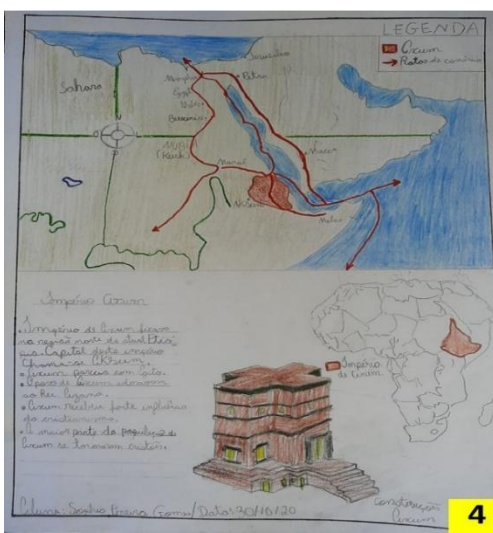


Figura 4: Império Axum
Fonte: Silva (2020)



Figura 5: Império Songhai
Fonte: Silva (2020)

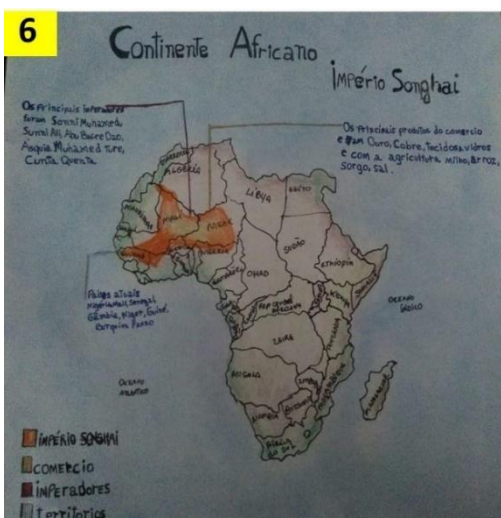


Figura 6: Império Songhai
Fonte: Silva (2020)

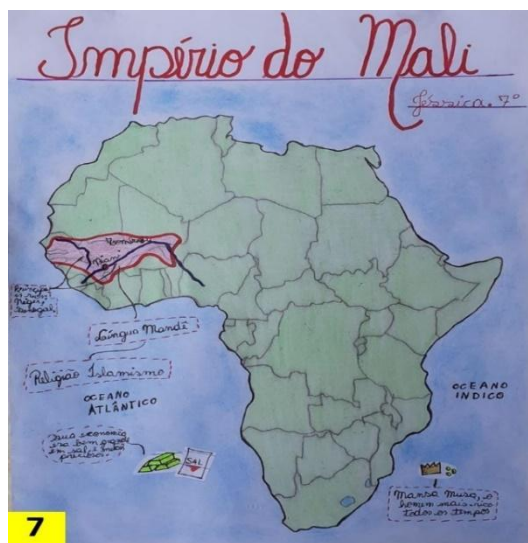


Figura 7: Império do Mali
Fonte: Silva (2021)

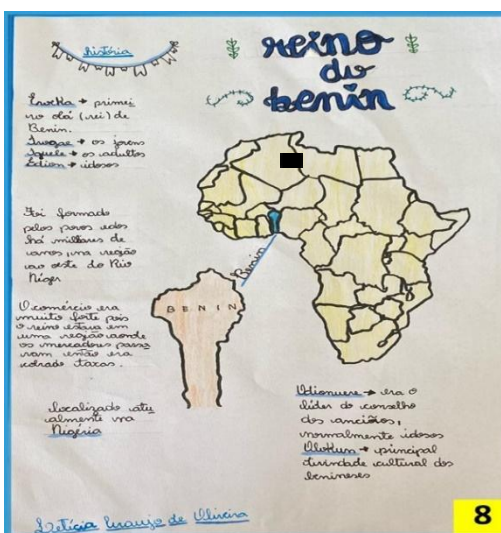


Figura 8: Reino do Benin
Fonte: Silva (2021)

Contextualizando as figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, as quais mostram o concurso de desenhos virtuais, considera-se a importância da participação dos alunos para viabilizar a proposta de alfabetização cartográfica do continente africano. Percebe-se, também, a abordagem de mapas de diferentes tipos de reinos e impérios, numa perspectiva de análise, comparação e interpretação das diferentes informações contidas em cada carta. Além disso, aborda-se a base da economia, os principais reis, a religião, a localização, as línguas, os



aspectos físicos, a fauna e flora, considerando esses elementos como informações que favorecem o entendimento das relações territoriais e da composição do espaço geográfico. Dessa forma, aplicaram-se os seguintes elementos para a identificação dos mapas: título, legenda, escala, orientação e fonte. Conforme apontam Almeida e Passini (2010, p. 17):

Inicia-se uma leitura pela observação do título. Temos que saber qual o espaço representado, seus limites, suas informações. Depois é preciso observar a legenda ou a decodificação propriamente dita, relacionando os significantes e o significado dos signos relacionados na legenda. É preciso também se fazer uma leitura dos significantes/significados espalhados no mapa e procurar refletir sobre a distribuição e organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para posterior cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações ou interpretações.

Destarte, vale salientar a relevância da utilização da internet, atualmente, para as pesquisas. Com essa ferramenta em mãos, os alunos, além de consultar o livro didático, puderam pesquisar em *sites* e *blogs*. A proposta de produção de mapas foi utilizada como material didático, de modo a promover a interação dos alunos, tornando a aula atrativa e divertida. Para a explicação dos conteúdos, outros recursos foram utilizados: videoaulas, animações disponíveis no YouTube, e diálogos com os alunos.

O resultado do concurso foi divulgado no dia 20 de novembro de 2020, Dia da Consciência Negra, para chamar atenção dos alunos e do público virtual no momento da divulgação dos trabalhos realizados entre o Instituto Líber e a UFT/Campus Porto Nacional. As postagens do Facebook e Instagram ultrapassaram 500 comentários, com 363 votos válidos. Os desenhos mais votados estão representados nas figuras 1 e 8.

Todas as propostas citadas nesta pesquisa foram produzidas no decorrer da disciplina, oportunizando a aplicabilidade da Lei 10.639/03, ressaltando, ainda, a importância do papel da escola e do professor-pesquisador para uma formação de luta antirracista. Contudo, o professor deve estar preparado teoricamente para trabalhar com a alfabetização cartográfica do continente africano, e explorar os variados tipos de linguagens. As ferramentas de ensino passam pela cartografia, como imagens, gráficos, mapas e tabelas; tornando-se, nessa perspectiva, uma necessidade alfabetizar os alunos do Ensino Fundamental, correlacionando as disciplinas, conteúdos e recursos didáticos. Por isso, é indispensável o estudo crítico e analítico das informações cartográficas africanas.



DECOLONIZANDO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

A teoria (universidade) e a prática (escola) apresentam visões amplas, sendo necessário repensar e criar propostas direcionadas ao subsídio da cartografia da África. A linguagem cartográfica está inserida nas duas visões, de formas diferentes. Na universidade, essa linguagem é complexa e há uma grande colaboração dos referenciais teóricos citados, para a viabilização de debates e discussões acerca do assunto. Enquanto na escola, a linguagem cartográfica é desafiadora, visto que trabalhar cartografia africana se configura como um processo longo e contínuo.

Criar mecanismos capazes de promover o ensino e a aprendizagem da cartografia da África é imprescindível. Por isso, destaca-se a importância do desenvolvimento de concursos, momentos em que os alunos interajam com o conteúdo, e nos quais os professores têm resultados rápidos e nítidos das informações cartográficas criadas pelos alunos. Este trabalho mostra, também, a importância da utilização do mapa para representação cartográfica, proporcionando visibilidade aos mapas no ensino de Geografia da África, de forma que o aluno extraia informações as quais favorecerão o entendimento dos conteúdos.

Para Katuta e Souza (2001, p. 51), “ler mapas, como se fosse um texto escrito, ao contrário do que parece, não é uma atividade simples assim”, pois o mapa deve ser analisado, interpretado e comparado de maneira que o aluno possa extrair as informações, favorecendo sua aquisição de conhecimento.

EXERCITANDO A LUTA ANTIRRACISTA

Nesta proposta de atividade, foram elaborados dois questionários para pais/responsáveis e alunos analisarem e avaliarem os resultados obtidos durante a execução do concurso de desenhos virtuais, fazendo também uma ligação com a disciplina da UFT. Ao total, foram 66 pessoas (33 alunos e 33 pais). Os questionários foram elaborados na plataforma Google Forms, o *link* foi enviado no grupo de WhatsApp de cada turma.

A seguir, são apresentadas algumas imagens dos gráficos referentes ao questionário aplicado aos alunos no decorrer do Concurso de Desenhos Virtuais Reinos e Impérios Africanos.

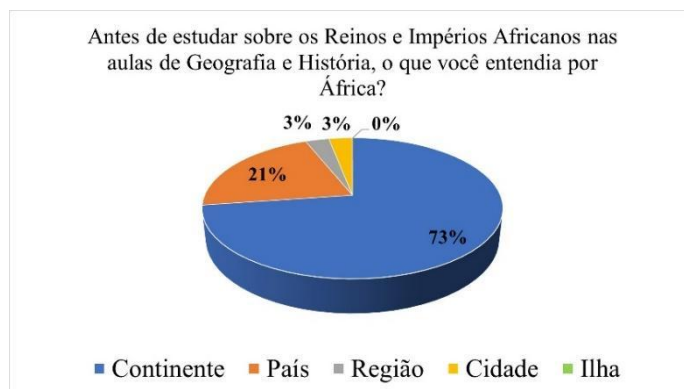


Figura 9: Gráfico referente aos alunos - Séries: 6º e 7º ano
Fonte: Silva, M.H.P (2021)

Ao analisar os dados, percebe-se que, antes de estudar sobre os reinos e impérios africanos, é visível entender a África como um país ou até mesmo região, ou cidade. Garção e Silva (2021, p. 2) apontam que “o desenvolvimento de habilidades e competências acerca do processo de ensino e da aprendizagem pode ser facilitado quando trabalha-se com a alfabetização cartográfica no âmbito da geografia escolar”. Portanto, essas visões distorcidas devem ser repensadas e reestruturadas para que o entendimento da composição do espaço geográfico africano seja compreendido.

Na sequência, são apresentados gráficos referentes à participação dos pais na proposta de atividade.

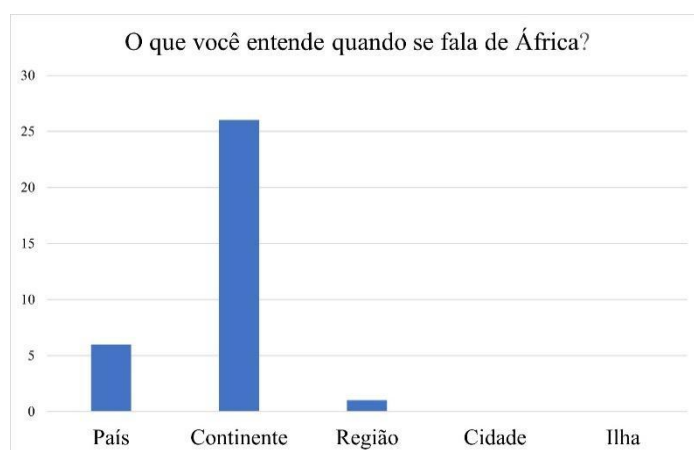


Figura 10: Gráfico referente aos pais - Séries: 6º e 7º ano
Fonte: Silva, M.H.P (2020)



Nesse contexto, período de pandemia da Covid-19, considera-se a participação dos pais fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A maioria deles entendem a África enquanto um continente, sendo importante, nesse sentido, que as informações geo-cartográficas da África sejam decodificadas. Reforçando as contribuições de Oliveira e Santos (2013, p. 4), a África é “um Continente que foi matriz de todas as populações no mundo, e hoje apresenta o maior número de estados nacionais (55 atualmente)”. Portanto, é necessário trabalhar com a alfabetização cartográfica desse continente de forma que os pais possam acompanhar a evolução da aprendizagem dos filhos.

Referente ao concurso, a seguir, é mostrada a relação dos pais sobre o conhecimento dos reinos e impérios africanos:

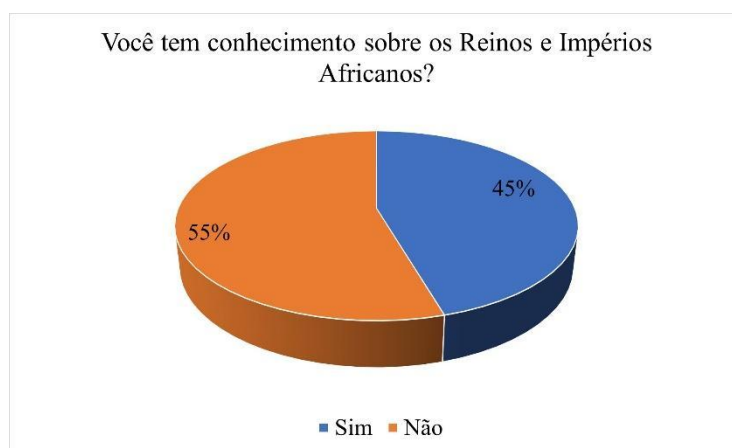


Figura 11: Gráfico referente aos pais sobre os reinos e impérios africanos. Séries: 6º e 7º ano
Fonte: Silva, M.H.P (2020)

Pode-se aduzir que a maioria dos pais não conhecia os reinos e impérios africanos. Desse modo, o estudo desses conteúdos, por meio do conhecimento científico, é fundamental para o entendimento da contribuição da África com os outros continentes, no surgimento das primeiras universidades e no processo de técnicas agrícolas. Oliveira e Santos (2013, p. 2) afirmam que “a África tem uma história de milênios, marcada por grandes construções, civilizações, disputas e convivências entre povos e culturas”, logo, é importante pensar sobre o continente africano, atualmente, discutir processos históricos, e refletir sobre as suas contribuições no mundo contemporâneo. Portanto, pensando sobre o tema, surgiu a seguinte indagação: “na sua opinião, qual é o seu ponto de vista quando se fala de África?”



Na aplicação do questionário, observam-se os dados referentes às respostas obtidas dos pais, conforme o gráfico a seguir:

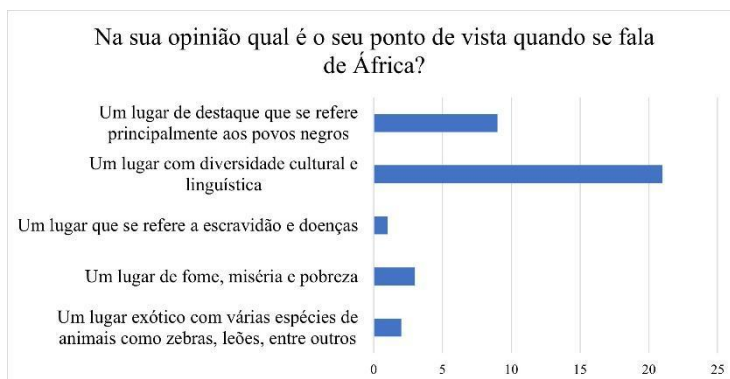


Figura 11: Gráfico referente ao ponto de vista sobre África
Séries: 6º e 7º ano
Fonte: Silva, M.H.P (2020)

Conclui-se que a participação dos pais no processo de alfabetização cartográfica é imprescindível, em vista da necessidade de coibir algumas informações distorcidas referentes ao continente africano. Logo, é necessário reformular o entendimento da África enquanto um lugar que é destaque para os povos negros: escravidão, doenças, fome, miséria, pobreza, lugar exótico com vários animais. Oliveira e Santos (2013, p. 2) asseveram que “é preciso reconstruir as bases da compreensão da África enquanto totalidade, e isto significa rever as leituras históricas e geográficas do continente”. Para isso, é preciso criar atividades pedagógicas que contribuam para a compreensão da África, entendendo esse espaço como um lugar de diversidade cultural e linguística.

Nesse conjunto, várias ações foram desenvolvidas para concretização do concurso de desenhos virtuais. Como resultados esperados, referentes ao desenvolvimento do concurso, cabe destacar que o embasamento da teoria de aprendizagem significativa, de David Ausubel, foi fundamental para compreensão dos aspectos teóricos do continente africano. Acerca da relação do processo de ensino-aprendizagem, Ausubel (2003, p. 36) esclarece que:

A escola não pode, em sua consciência, abdicar destas responsabilidades, entregando-as aos estudantes em nome da democracia e do progresso. O estudante assume uma responsabilidade adequada pela própria aprendizagem: 1. Quando aceita a tarefa de aprender ativamente, procurando compreender o material de instrução que lhe ensinam. 2. Quando tenta, de forma genuína, integrá-lo nos conhecimentos que já possui. 3. Quando não



evita o esforço ou a batalha por novas aprendizagens difíceis e não exige que o professor ‘lhe faça a papa toda’. 4. Quando decide fazer as perguntas necessárias sobre o que não compreende.

Dessa forma, trabalhar com os reinos e impérios africanos contribuiu para que os alunos compreendessem melhor como esse espaço foi e está sendo produzido. No que se refere à produção de mapas, boa parte dos alunos já tinha conhecimento, e as novas informações foram adquiridas mediante a participação na proposta de atividade.

Tomando-se por base as informações importantes para a compreensão da proposta de alfabetização cartográfica da África, os alunos foram instigados a serem investigadores capazes de produzir um pensamento crítico-reflexivo, mediante debates, análises, comparações e interpretações do material construído por eles. A conclusão, ao final das atividades propostas, é de que o concurso superou as expectativas.

Em relação aos aspectos do desenvolvimento da alfabetização cartográfica da África, destaca-se como resultado da relação teoria e prática, a proposta curricular supracitada, desenvolvida por este professor-pesquisador. Infere-se, com isso, que a mediação entre a escola e a universidade, contribuem para a formação docente em geografia e história do continente africano, reforçando a importância da aplicabilidade da Lei 10.639/03.

Cabe salientar, no que diz respeito aos alunos da escola, que houve interação nas aulas virtuais e a oportunidade de os alunos compreenderem a realidade do continente africano. No quesito aprendizagem, os objetivos foram atingidos, mediante as propostas apresentadas, favorecendo o processo de alfabetização cartográfica da África.

Diante da disciplina Ensino de Geografia da África e Educação para Relações Étnico-Raciais, inserido ao curso de pós-graduação da UFT/Campus Porto Nacional, uma nova visão a respeito do continente africano formou-se neste aluno-pesquisador, além de ter colaborado positivamente na qualificação e na formação continuada. Vale salientar que o presente estudo despertou, ainda, duas visões distintas sobre teoria e prática, cujas mediações entre universidade, escola e estudos dos referenciais teóricos, são imprescindíveis para a compreensão e construção de mecanismos favoráveis na produção pedagógica da alfabetização cartográfica e, principalmente, na utilização de mapas no ensino de Geografia.

Outrossim, a experiência em participar da disciplina da UFT colaborou para sanar dúvidas e coibir distorções empregadas na Geografia escolar. Algumas teorias são desafiadoras para o professor, que precisa estabelecer mecanismos capazes de promover o



processo de ensino-aprendizagem. Referente à participação deste professor-pesquisador, pode-se afirmar que a disciplina gerou um avanço significativo, pois conseguiu viabilizar um incentivo em dar continuidade nesse trabalho, justificado na importância em pesquisar esse tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação na disciplina da UFT/Campus Porto Nacional obteve resultados em ambas as partes, contribuindo na formação do professor-pesquisador, que ao se vincular à escola, capacitou-se em diversas atividades, como: elaboração de concursos de desenhos virtuais e confecção de materiais pedagógicos geográficos, a exemplo de desenhos de mapas dos reinos e impérios africanos. Essas experiências foram benéficas no processo de formação docente, no ensino de geografia da África.

É válido ressaltar a importância dos aportes teóricos de Almeida e Passini (2010), Castrogiovanni (2008), Souza e Katuta (2001), Portugal e Chaigar (2012), Santos (2009), Brasil (2004), Anjos (2015), Oliveira e Santos (2013); pois, partindo desses, foi possível desenvolver as atividades virtuais, e, com base na proposta desenvolvida, perceber a relevância dos referenciais teóricos supracitados que colaboram com o processo de alfabetização cartográfica.

Nesse contexto, como elencado por Ferracini (2021), cabe apontar a relevância da universidade diante da parceria com a escola. Esta parceria favorece um contato que propicia ao professor-pesquisador a capacitação necessária para compreensão e inserção, na escola, dos conteúdos referentes ao continente africano. Os referenciais colaboram, também, no processo de ensino-aprendizagem, viabilizando uma visão crítico-reflexiva das aulas, no decorrer da disciplina.

Portanto, pode-se afirmar que houve a relação teoria e prática, reforçando o papel da escola e da universidade, com base nas etapas, ocorrendo ainda a participação nas aulas virtuais, nos seminários, nas palestras, nos minicursos, onde se discutiu propostas eficazes e capazes de reforçar a importância da Lei 10.639/03. Referente ao uso de mapas no ensino de Geografia da África, conclui-se que os mapas são indispensáveis em sala de aula, pois se tratam de recursos utilizados nas aulas de Geografia e devem ser trabalhados de forma que os alunos sejam alfabetizados cartograficamente.



A alfabetização cartográfica auxilia na leitura, comparação e interpretação das informações disponibilizadas em cada mapa, colaborando no entendimento dos alunos sobre as relações territoriais e espaciais do continente africano. Portanto, é extremamente importante que os professores utilizem esse recurso para contribuir no processo de ensino-aprendizagem antirracista. Não, simplesmente, trabalhar o mapa pelo mapa, as informações apresentadas devem ser analisadas pelos próprios alunos, para serem capazes de decodificar informações relevantes no processo de alfabetização da África enquanto um continente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D. de.; Passini, E. Y. **O espaço geográfico: ensino representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ANJOS, R. S. A. As geografias oficiais invisíveis do Brasil: algumas referenciais. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v.19, n.2, p375-391, ago. 2015. ISSN 2179-0892.
- DOS ANJOS, R. S. A. A GEOGRAFIA DO BRASIL AFRICANO, O CONGO E A BÉLGICA - UMA APROXIMAÇÃO. Revista Eletrônica: **Tempo - Técnica - Território** / Eletronic Magazine: Time - Technique - Territory, [S. l.], v. 1, n. 3, 2017. DOI: 10.26512/ciga.v1i3.15787.
- ASANTE, M. **Afrocentricity**. (1980) 2016. Disponível em: <http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>. Acesso em: xx set. 2021
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Tradução: Lígia Teopisto. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP 003/2004**. Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.
- DIOP, C A. **A origem africana da civilização**. Mito ou Realidade. Lawrence Hill &Co, 1974; 552 p.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 275 p.
- FERRACINI, R. Educação Geográfica em Museus: da África ao Afro-brasileiro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**. v. 7, n. 17, pp. 299-321, out. 2015.
- FERRACINI, R. **Possibilidades didáticas antirracistas: o ensino de geografia regional da África e educação para relações étnico-raciais**. **Kwanissa**, São Luís, v. 4, n. 8, p. 261-279, jan/jun, 2021.
- KATUTA, A. M.; SOUZA, J. G. de. **Geografia e conhecimentos cartográficos**. A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editores UNESP, 2001.
- KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. vol. I. Trad. Beatriz Turquetti (...) et al. Revisão técnica Fernando A. Albuquerque Mourão. São Paulo: Ática, Paris: Unesco, 1982, pp. 21-42.
- M'BOKOLO, E. **África negra: história e civilizações**. Tomo II (do século XIX aos nossos dias). Tradução: Manuel Resende. São Paulo: Casa das Áfricas, 2011. 754 p.
- MUNANGA, Kabengele. **“África: trinta anos de processo de independência”**. In Revista da USP, nº 18, fev-ago, 1993, pp. 102-111.



OLIVEIRA, D. A.; SANTOS, R. E. N. **Precisamos reler África?**. Rio de Janeiro: Canal Futura – Projeto A Cor da Cultura, 2013.

PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. **Catografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia**. Curitiba-PR: CRV, 2012.

SANTOS, R. E. dos. **Rediscutindo o ensino de Geografia**: temas da Lei 10.639. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SILVA, M. H. P. da, GARÇÃO, L. M. da C. **Projeto Alfabetização Cartográfica**. Pirenópolis: UEG, 2016. Disponível em: <http://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/viewFile/8399/5915>. Acesso em: 20 mai 2021.

SILVA, M. H. P. Alfabetização Cartográfica: Uma proposta no Ensino de Geografia. Revista África e Africanidades, ano XIII, nº37, fev 2021.

https://africaeaficanidades.online/olhares_docentes.html

COMO CITAR ESTE TRABALHO

FERRACINI, Rosemberg. SILVA, Matheus Henrique Pereira da. Alfabetização cartográfica: O ensino antirracista de Geografia da África. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 185-201, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.60588>. Acesso em: DD MM. AAAA.